

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



HOLANDA, Sérgio Buarque de (São Paulo, 1902- São Paulo, 1982)

Sérgio Buarque de Holanda é um dos mais prestigiados intérpretes da formação da sociedade brasileira; suas obras publicadas em livros, artigos ou prefácios não cessam de render debates entre sociólogos, cientistas políticos, etnólogos e críticos literários, assim como entre os historiadores de diferentes especialidades e linhagens teóricas. Juntamente com Caio Prado Jr e Gilberto Freyre, figura entre os pais fundadores da sociologia histórica brasileira, ainda que essas classificações sejam pouco úteis para aquilatar suas contribuições à historiografia brasileira e à história da cultura intelectual luso-brasileira, em particular.

O historiador nasceu no tradicional bairro da Liberdade na cidade de São Paulo em uma família de classe média remediada em 11 de Julho de 1902. Seu pai, fora funcionário no Serviço Sanitário estadual e professor de botânica na Escola de Farmácia e Odontologia, tendo sido um dos seus fundadores. Durante a infância cursou a Escola Modelo Caetano de Campos e na adolescência o Ginásio de São Bento. No colégio beneditino foi aluno do historiador Affonso d'Escragnoille Taunay (1876-1958), frequentando desde jovem a antiga Biblioteca Pública do Estado de São Paulo, onde descobriu os velhos cronistas portugueses e familiarizou-se com a historiografia portuguesa da época medieval e moderna. Aos 18 anos, assinava sua primeira crônica no *Correio Paulistano* "Originalidade Literária" (24.04.1920) na qual polemizou sobre a existência ou não de uma literatura autenticamente nacional, assunto que capturava as mentes e corações dos literatos e historiadores desde finais do século XIX.

Desde 1921, passou a viver no Rio de Janeiro, capital federal do Brasil naquela época, bacharelando-se no curso de Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1925. Profissão que não abraçaria, preferindo ganhar a vida como jornalista, tradutor e crítico literário até meados da década de 1950. Foi um integrante de primeira hora do movimento modernista, tendo sido correspondente no Rio de Janeiro da *Revista Klaxon*, fundada pelo grupo modernista em São Paulo, liderada por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes, Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Raul Bopp, Tácito de Almeida...

Neste ambiente cultural engajado, colaborou e empreendeu projetos editoriais vanguardistas, como foi o caso da revista *Estética*, entre muitas outras iniciativas. Em 1927, dirigiu o jornal *O Progresso*,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

jornal local na pequena cidade de Cachoeiro do Itapemirim no Estado do Espírito Santo. Foi crítico literário em mais de uma dezena de jornais: *Correio Paulistano*, *Diário Carioca*, *Folha de São Paulo*, *Rio-Jornal*, *A Manhã*, *Diário de Notícias*; e colaborou em numerosas revistas: *A Cigarra*, *Fon-Fon*, *Revista do Brasil*... Ao longo de mais de duas décadas, trabalhou nas agências telegráficas Harvas, United Press e na Associated Press, nesta última, exerceu o posto de redator chefe (1939); também foi diretor da sucursal do *Jornal de Minas* no Rio de Janeiro. Portanto, não se pode compreender a formação do historiador sem considerar sua trajetória como jornalista e crítico literário atento às polêmicas e debates que agitavam o meio cultural não apenas brasileiro, como também internacional.

Entre 1929 e 1930, foi enviado como correspondente do *Diário de São Paulo* e do *O Jornal* para uma temporada de dois anos na Europa, fixando-se em Berlim, e visitando outras cidades na Alemanha e na Polônia. Nesse período, frequentou as aulas de Friedrich Meinecke oferecidas na Universidade de Berlin, aproximou-se do círculo intelectual de Georg Simmel, dedicando-se também à leitura da obra de Max Weber e de outros autores da Escola de Frankfurt. Ali, viria a redigir uma primeira versão da sua obra: *Raízes do Brasil*, publicada no Rio de Janeiro, em outubro de 1936, pela Livraria José Olympio Editora, inaugurando a coleção *Documentos Brasileiros*, então, dirigida por Gilberto Freyre.

O livro analisa as marcas da colonização portuguesa na formação da sociedade brasileira, comparando-a com outras experiências históricas no mundo hispano-americano. Numa perspectiva diferente da proposta de Gilberto Freyre que sublinhava os aspectos bem-sucedidos do transplante da civilização europeia em zonas de clima tropical em *Casa Grande e Senzala* (1933), SBH buscou acentuar as transformações das instituições e da cultura metropolitana no Novo Mundo, considerando não apenas as diferenças do meio geográfico, mas, sobretudo, as tensões, a violência e os modos de acomodação entre os adventícios (os colonizadores portugueses) e os naturais da terra. Se reflexão de Freyre deu centralidade à família patriarcal e à mestiçagem em sua interpretação do Brasil, Sérgio Buarque de Holanda buscou identificar persistências, transformações e formas de superação da herança ibérica na formação da cultura política brasileira. Neste sentido, Sergio Buarque de Holanda se aproxima mais da interpretação proposta por Caio Prado Jr., na medida em que considerava a colonização mercantil agroexportadora como elemento chave do processo de formação da sociedade brasileira.

Com efeito, a distância entre as perspectivas de SBH e de Gilberto Freyre acentuou-se a partir da 2.^a edição de *Raízes do Brasil* em 1948. Nesta edição, o historiador identifica as ambiguidades de classe que estruturavam o imaginário das elites brasileiras: “Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje desterrados em nossa terra.” (*Raízes do Brasil*, 1982, p. 3). A ênfase no sentimento de desterro era fruto do descompasso entre a experiência vivida no mundo colonial e os modelos europeus de civilização. Já naquela altura, o historiador dirigia sua crítica às elites dirigentes e aos intelectuais por conformarem um estilo de vida alheio ao cotidiano da maioria da população brasileira.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Em *Raízes do Brasil* identificou as persistências arcaicas da colonização e vislumbrava formas de superação da condição colonial que levassem à emancipação política. Em muitos sentidos, aproximou-se da interpretação de António Sérgio ao considerar a prática mercantilista um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da economia plenamente capitalista em Portugal. SBH atribuiu à construção do império marítimo a razão da hipertrofia do Estado monárquico, incapaz de estimular uma burguesia autônoma e de constituir um mercado interno. No seu entender, a presença portuguesa configurava um rosário de portos-feitorias ao longo da costa atlântica, sem expressar claramente um projeto de ocupação territorial e de urbanização planejada, em vivo contraste com a experiência imperial nas Índias de Castela no século XVI. Na sua perspectiva, foi a exploração mineral e, especialmente, a fixação da corte no Rio de Janeiro que propiciou definitivamente a dominação metropolitana na América do Sul.

Frequentador da obra de Alexandre Herculano, também atribuiu ao legado mental da Inquisição as razões estruturais que impediram a modernização ou a autotransformação da sociedade brasileira. Em sintonia com a visão de António Sérgio, recusava-se em alimentar velhos ou novos panteões. “Quem vê com miragens o seu passado constrói com miragens o seu futuro” (António Sérgio, *Ensaíos*, IV, 211). O historiador brasileiro acompanhou de perto a produção da *Renascença Portuguesa*, cujas obras foram editadas no Rio de Janeiro pela Tipografia Anuário do Brasil. Em 1920, a editora publicara o primeiro volume dos *Ensaíos* de António Sérgio, entre outros títulos do grupo.

SBH lastreou-se nas interpretações de António Sérgio relativas às condicionantes socioeconômicas que dificultaram o desenvolvimento das atividades manufatureiras e agrárias em Portugal. Em *Raízes do Brasil* cita diretamente seu ensaio publicado na edição carioca de 1920: “Ensaio de interpretação não romântica do texto de Azurara”, no qual António Sérgio questiona os exageros de Joaquim Pedro de Oliveira Martins a respeito da tomada de Ceuta. Ainda na mesma obra, refere-se ao prefácio que o autor fez ao livro de Gilberto Freyre (*O mundo que o português criou*, 1940).

De modo que o historiador brasileiro esteve muito atento às principais vertentes do pensamento historiográfico português, com as quais dialogou e polemizou, conforme era do seu feitio. Entre os autores mais referenciados destacamos: Gama Barros, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, João Lúcio de Azevedo; Damião Peres, Veiga Simões, Duarte Leite, António Baião, Jaime Cortesão, Virgínia Rau, Vitorino Magalhães Godinho, José António Saraiva, Joaquim Barradas de Carvalho, Alberto Iria, Luiz Ferrand de Almeida. Não por acaso, a obra completa desses historiadores pode ser localizada na coleção especial da Biblioteca de obras raras da Universidade Estadual de Campinas. A irreverência crítica de SBH também não poupou seus camaradas modernistas, fossem paulistas ou cariocas. Julgava artificiais as iniciativas do movimento de construir uma identidade verdadeiramente brasileira pela negação e/ou afastamento da experiência portuguesa (resistiu sobretudo ao projeto de adoção de uma nova gramática, proposta por Mário de Andrade). Escrevia: “Se a forma de nossa cultura ainda permanece largamente ibérica e lusitana, deve atribuir-se tal fato sobretudo às insuficiências do “americanismo”, que se resume até agora, em grande parte,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

numa sorte de exacerbamento de manifestações estranhas, de decisões impostas de fora, exteriores à terra. O americano ainda é interiormente inexistente” (*Raízes do Brasil*, 1982, p. 127).

O golpe de estado de Getúlio Vargas em 1930, assim como a ascensão do nazismo marcaram a elaboração de *Raízes do Brasil*, obra publicada no ano anterior à decretação da ditadura varguista em novembro de 1937. Nela buscou explicar tanto a crise do sistema democrático liberal na Europa, quanto as dificuldades de libertar os países ibero-americanos do caudilhismo e do mandonismo local. Objeto de redivivas polêmicas, o próprio autor desautorizou e atenuou as afirmações que fez ao longo das numerosas reedições: “Escrevi aquele livro em parte na Alemanha, terra clássica do historicismo e do antipositivismo: o positivismo tal como era compreendido no século passado” (“Centro de Estudos Históricos Afonso de Taunay”, in Sistema de Informação e Arquivo-Fundo SBH,17p.).

Com efeito, o estudo das publicações desta obra tem apontado alterações importantes realizadas pelo autor nas edições de 1948 e de 1956, nas quais a abordagem psicossocial do colonizador foi sendo melhor atenuada. Mas a obra tornou-se um fenômeno editorial, especialmente após a edição de 1969, que passou a contar com o prefácio de Antônio Candido de Mello e Souza “O significado de Raízes do Brasil” (*Raízes do Brasil*, 1982, pp. XI-XII). Essa nova edição, coincidia com o expurgo e o exílio dos seus amigos e colegas das universidades brasileiras após os decretos dos Atos Institucionais que marcaram o endurecimento da Ditadura Militar no Brasil.

A vocação deambulatória, o senso espacial, o apego ao concreto e o pragmatismo mercantil dos colonizadores são invocados em sua caracterização das heranças ibéricas. Contudo, o principal traço definidor da sociedade brasileira teria sido o escravismo, uma vez que a compulsoriedade da mão de obra e a violência das relações sociais fragilizavam as solidariedades entre indivíduos e grupos. O escravismo implicava também na desqualificação do trabalho manual, engendrando uma sociedade onde prevaleciam as regras da vida doméstica, sem permitir a constituição de uma esfera pública, acima dos interesses patriarcais e pessoais. É nesse âmbito que SBH sugere uma oposição entre a colonização anglo-saxônica e a ibérica. A prevalência de relações primárias/gregárias configuravam o que ele denominou de ethos da *cordialidade*, um comportamento que está nas antípodas do contrato social, liberal e burguês. As relações de intimidade e afeição entre os indivíduos em posições assimétricas alicerçam cadeias complexas de dependência, mas também de insubordinação.

Depois de seu retorno da Alemanha em 1936, o historiador foi contratado como professor assistente dos professores Henri Hauser (na cátedra de História Moderna e Econômica) e Henri Tronchon (em Literatura Comparada) na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal. Após a partida dos mestres franceses, foi nomeado professor adjunto nas cadeiras de História da América e de Cultura Luso-Brasileira. Porém, a experiência duraria pouco, uma vez que as atividades na Universidade do



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Distrito Federal foram peremptoriamente encerradas pelo governo de Getúlio Vargas em 1939. Apesar do enrijecimento da ditadura, ainda no Rio de Janeiro, Sergio Buarque de Holanda passou a chefiar a seção de publicações do Instituto Nacional do Livro onde teve a oportunidade de conviver com Augusto Meyer, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira entre outros grandes expoentes dessa geração.

Em 1941, a convite pela Divisão de Cultura do Departamento de Estado dos EUA, proferiu conferências sobre história do Brasil em diversas universidades norte-americanas. Em 1944, tornou-se chefe da Divisão de Consultas da Biblioteca Nacional do Brasil, e ministrou cursos de história do Brasil aos estudantes de Biblioteconomia. A partir desse momento nota-se uma crescente inflexão em direção aos estudos históricos e historiográficos, especialmente após a publicação do seu livro *Monções* (1945), no qual se vê o reaproveitamento das suas tarefas como editor, tradutor e prefaciador de obras raras e de documentação manuscrita inéditas. Data também desse período o contato com Lewis Hanke (diretor da *Hispanic Foundation*) e a colaboração com importantes projetos bibliográficos como a preparação do *Handbook of Brazilian Studies* (1949), organizado por seu amigo Rubens Borba de Moraes e por William Berrien, onde ele redige o ensaio bibliográfico sobre o período colonial.

Crítico do autoritarismo varguista, militou abertamente contra o Estado Novo, engajando-se na fundação da Esquerda Democrática (1945) que daria origem ao Partido Socialista Brasileiro em 1947. Ainda no Rio de Janeiro, passou a integrar a direção da União Brasileira de Escritores, defendendo a adoção de uma legislação de direitos autorais. Ao retornar a São Paulo em 1946, inicia oficialmente suas atividades como historiógrafo do Museu Paulista, assumindo a cátedra de História Econômica do Brasil na Escola Livre de Sociologia e Política, no lugar do seu fundador, o economista Roberto C. Simonsen. Foi durante suas atividades como docente e membro do quadro de pesquisadores do Museu do Ipiranga, onde conviveu com uma plêiade de etnólogos (Herbert Baldus, Harald Schultz e Egon Shaden) e preparou suas aulas que viriam a integrar diversos capítulos dos livros: *Caminhos e Fronteiras* (1957) e *Visão do Paraíso* (1959), este último fora apresentado em concurso público para ingresso na carreira como docente na Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Em plena preparação das comemorações do *IV Centenário do Cidade de São Paulo*, entre 1952-1954, o historiador suscitou uma polêmica aguerrida nas páginas do *Diário Carioca* (6 de abril, 13 de abril, 15 de Junho) em 1952 contra as teses de Jaime Cortesão publicadas no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, a respeito do papel dos bandeirantes paulistas na expansão territorial (em 4 de maio de 1952). Argumentava que dificilmente a deambulação dos sertanistas de São Paulo pelo interior do continente fazia parte de uma política de ampliação dos domínios lusitanos na América, uma vez que as expedições visavam contrariar os interesses da Coroa. Em sua opinião, a expedição de apresamento de indígenas comandada por Raposo Tavares, nunca fora uma “bandeira para expandir os limites territoriais”, como propugnava a historiografia nacionalista e regionalista paulista, especialmente nas décadas de 1940. SBH buscou desvelar a ideologia bandeirista que alicerçava a ocupação de territórios indígenas na região Centro-Oeste (Mato Grosso e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Amazônia), designada por “marcha para o oeste” pelos governantes, naquele momento.

Neste mesmo contexto historiográfico, Jaime Cortesão defendia que a expansão portuguesa pautara-se pela razão geográfica (*Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*, 1952) e para tanto, o historiador exilado no Brasil, valeu-se dos mapas antigos, em que figuram uma formação lacustre conectando as duas bacias do Prata e do Amazonas. Essa evidência geográfica, ao seu ver, era suficiente para definir os limites territoriais entre os impérios português e o espanhol. O debate entre os dois historiadores contou com réplicas e trélicas; mas, em síntese, SBH o acusou de exaltar a atuação de mamelucos paulistas (sertanistas paulistas mestiços) para romantizar a obra do colonizador. Tal operação intelectual, permitia fundir dois nacionalismos: o lusitano e o dos modernistas brasileiros.

Contudo, convém destacar que SBH se insurge não só contra as teses de Jaime Cortesão, mas também contra a ideologia geográfica da escola historiográfica paulista – promovida aliás pelo seu grande mestre Affonso Taunay e por outros historiadores do Instituto Histórico Geográfico de São Paulo – que naquele momento organizavam as comemorações do *IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo* com toda a pompa e circunstância. Criticava repetidamente as correntes aferradas ao culto dos bandeirantes e à visão de uma São Paulo isolada e periférica ao sistema de trocas atlânticas. Munido da melhor teoria etnográfica e antropológica do seu tempo, SBH procurou explicar os fundamentos da expansão paulista atento às evidências materiais, às técnicas de coleta na mata, às formas de cultivo, ao preparo dos alimentos, à fabricação de vestuário e utensílios, e aos movimentos populacionais de fluxo e refluxo dos habitantes do planalto paulista.

Entre 1946 e 1967, sua carreira como historiador se internacionaliza definitivamente, por meio de uma rede de contatos com os colegas franceses, belgas, portugueses, espanhóis, mexicanos, uruguaios, peruanos, chilenos, mexicanos e norte-americanos. A partir 1949, estreita relações com as Universidades francesas, tendo sido convidado para conferenciar na *École Pratique de Hautes Études* (por Fernand Braudel) e na Sorbonne (por Lucien Febvre). Desde 1948, integrou diversos comitês da Unesco, colaborando com importante inquérito promovido pela instituição sobre o conceito de Democracia no Pós-Guerra, e participando em colóquios internacionais sobre originalidade das civilizações.

Em 1950, retorna aos Estados Unidos na delegação brasileira do *I Colóquio Internacional de Estudos Luso-brasileiros* realizado pela Library of Congress (Washington) onde apresenta suas pesquisas sobre as técnicas rurais no Brasil do século XVIII. Nessa mesma estada, participa de seminários na Universidade de Columbia a convite do historiador do escravismo norte-americano Frank Tannenbaum (1983-1969). Entre 1952-54, ocupa a cadeira de Estudos Brasileiros na Universidade de Roma, acompanha os encontros organizados pela Unesco, sendo eleito para integrar o Comitê Internacional de Museus (ICOM), e reunindo-se em Paris, Genebra e Roma com curadores de acervos históricos. Quando retornou a São Paulo,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

assumiu a direção do Museu Paulista em 1955 e a vice-direção do Museu de Arte Moderna de São Paulo no mesmo ano. Nessa altura, seu livro *Raízes do Brasil* é traduzido para o italiano (Fratelli Boccia Editori) e para o espanhol (Fondo de Cultura Económica), já com as revisões e ampliação de cerca de 100 parágrafos em relação à versão de 1936.

Depois de lecionar em várias instituições universitárias no mundo e no Brasil, SBH finalmente ingressou como docente titular na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade de São Paulo após concurso público em novembro de 1958. Responsável pela cadeira de *História Geral da Civilização Brasileira*, envolveu-se na coordenação do projeto editorial da *Coleção História Geral da Civilização Brasileira* entre 1957-1972. Foi também um dos fundadores da Associação de Professores Universitários de História (futura ANPUH). Na USP, criou em 1962 o Instituto de Estudos Brasileiros, um centro de pesquisa com vocação interdisciplinar, onde atuou como pivô na articulação de redes internacionais de estudos luso-brasileiros na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina.

A publicação de *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil* em 1959, coincidiu com outras duas obras seminais de Antonio Candido de Mello e Souza e de Celso Furtado, respectivamente *Formação da Literatura Brasileira* e *Formação Econômica do Brasil*. Naquele momento, o Brasil aparecia pela primeira vez na cena mundial como uma potência cultural, nas artes embalado pelo ritmo não só da bossa nova, mas também do cinema novo, do boom literário, do concretismo e da experimentação arquitetônica, a nação parecia finalmente emancipar-se com a consolidação de uma rede de instituições científicas públicas e estatais.

O lançamento do primeiro satélite artificial pela URSS, a revolução cubana e a conquista da Copa do Mundo de futebol renovaram as esperanças de superação das desigualdades sociais e das disparidades econômicas herdadas ou recrudescidas no pós-Independência. No entanto, SBH manteve-se sempre crítico à utopia desenvolvimentista na medida não percebia uma efetiva superação dos entraves típicos do subdesenvolvimento econômico e político: “Teremos também os nossos eldorados. O das minas, certamente, mas ainda o do açúcar, o do tabaco, de tantos outros gêneros agrícolas que se tiram da terra fértil, enquanto fértil como o ouro se extrai, até esgotar-se, do cascalho, sem redistribuição de benefícios. A procissão dos milagres há de continuar assim através de todo o período colonial, e não a interromperá a Independência, sequer ou a República” (*Visão do Paraíso*, 2010, p. 469).

Nesse período, teve a oportunidade de visitar e pesquisar nos arquivos e bibliotecas portuguesas, onde estreitou laços de amizade com Joel Serrão, Vitorino Magalhães Godinho, Joaquim Barradas de Carvalho com quem trocou correspondência. Crítico ferrenho da ideologia luso tropicalista, apoiou a luta contra o Estado Novo e celebrou a Revolução dos Cravos. Barradas de Carvalho em fevereiro de 1973, lhe agradece pela adesão ao abaixo assinado em favor de Mário Soares quando esteve preso em São Tomé.

Em protesto aos colegas aposentados compulsoriamente por força do Ato Institucional n.º 5, em



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

dezembro de 1968 – Sérgio Buarque de Holanda pediu sua aposentadoria na Universidade de São Paulo. Fundador de instituições e de inúmeras agremiações políticas em defesa da democracia, foi um dos signatários da criação do Partido dos Trabalhadores em 1980.

No período que lhe tocou viver – 1902-1982 – triunfaram diferentes ideologias políticas e utopias sociais – do totalitarismo nazista à revolução cubana e guerras de emancipação colonial na África e na Ásia. Da guerra fria à revolução cultural e sexual, tais movimentos certamente afetaram sua obra e sua visão de mundo.

Bibliografia activa: *Raízes do Brasil*, 1.^a ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936 (outras edições: 1948, 1956, 1963, 1969, 1982; traduções: italiano, espanhol, alemão, japonês, francês, albanês, chinês e inglês); *Cobra de Vidro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1944; *Monções*, Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil, 1945; *Caminhos e Fronteiras*, Rio de Janeiro, Livraria Jose Olympio Editora, 1957; *Visão do Paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959; *O Extremo Oeste*, São Paulo: Brasiliense, 1986; *História Geral da Civilização Brasileira*, São Paulo, Editora Difel, 1960-1972; *Do Império à República*, HOLANDA, Sergio Buarque, *História Geral da Civilização Brasileira*, vol. 7, 1972; *Tentativas de mitologia*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1979; *Capítulos de Literatura Colonial*, São Paulo, Martins, 1991 (edição póstuma); *Capítulos de História do Império*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010 (edição póstuma); *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*, 2 vols., São Paulo, Editora Unesp/Editora Fundação Perseu Abramo, 2011 (edição póstuma).

Bibliografia passiva: BARBOSA, Francisco de Assis (org.), *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*, São Paulo, Rocco, 1988; CANDIDO, Antonio (org.), *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998; COSTA, Emília Viotti, *Sérgio Buarque de Holanda e Raízes do Brasil*. CALDEIRA, João de Castro (org.), *Ethnos Brasil*, vol. 1, n.º 2, 2000 (replicado na coletânea organizada pela autora, *Brasil: história, textos e contextos*, Unesp, 2015); DIAS, Maria Odila Leite da Silva (org.), *Sérgio Buarque de Holanda*, Col. Grandes Cientistas Sociais — História, Florestan Fernandes (coord.), São Paulo, Ática, 1985; Idem, “A negação das Negações”. EUGÊNIO, João Kennedy e MONTEIRO, Pedro M., *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*, Campinas, Editora da Unicamp, 2008, pp. 317-347; EUGÊNIO, João Kennedy e MONTEIRO, Pedro M., *Sérgio Buarque de Holanda: Perspectivas*, Campinas, Editora da Unicamp, 2008; Idem, *Ritmo espontâneo: organicismo em Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda*, Teresina, EdUFPI, 2011; FRANÇOZO, Mariana de Campos, *Um outro olhar: a etnologia alemã na obra de Sérgio Buarque de Holanda*, Dissertação de mestrado da UNICAMP, Campinas, 2004; FURTADO, André, *Sérgio Buarque de Holanda: historiador desterrado*, UERJ, 2022; GRAHAM, Richard, Entrevista: *Hispanic American Historical Review*, 62(1), Duke University Press, EUA, 1982 (trad. em *Revista Ciência e Cultura*, 34(9), set. 1982, *Revista da SBPC*, São Paulo); MARTINS, Renato (org.), *Encontros: Sérgio Buarque de Holanda*, Rio de

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Janeiro, Beco do Azougue, 2009, pp. 174-191; MONTEIRO, Pedro Meira, *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*, Campinas, Editora da Unicamp, 1999; NICODEMO, Thiago Lima, *Alegoria moderna: crítica literária e História da Literatura na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*, São Paulo, FAP.Unifesp, 2014; NOGUEIRA, Arlinda Rocha, et al. (org.), *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*, São Paulo, Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo do Estado: Universidade de São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1988; NOVAIS, Fernando A., *Caminhos e Fronteiras, direções e limites*, 1994, pp. 325-326; Idem, “De volta ao homem cordial”(1995), *Aproximações: Estudos de história e historiografia*, São Paulo, Cosacnaify, pp. 321-323; Idem e ARRUDA, M. Arminda (org), “Revisitando Intérpretes do Brasil”. *Revista da USP*, São Paulo, n.º 38, 1998; Idem (introd. e org.), HOLANDA, Sergio Buarque, *Capítulos de História do Império*, São Paulo, Companhia das Letras, 2010; PRADO, Antonio Arnoni (org.), *O espírito e a letra: estudos de crítica literária*, 2 vols., São Paulo, Companhia das Letras, 1996; Idem, *Dois letrados e o Brasil Nação: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda*, São Paulo, Editora 34, 2015; SCHWARCZ, Lilia Moritz e MONTEIRO, Pedro Meira (org.), *Sérgio Buarque de Holanda. Raízes do Brasil. Edição crítica*, texto e notas de Mauricio Auciña e Marcelo Diego, São Paulo, Companhia das Letras, 2016; SOUZA, António Candido de Mello e (introd. e org.), *Capítulos de Literatura Colonial*, São Paulo, Brasiliense, 1991; WEGNER, Robert, *A conquista do Oeste: A fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 2000.

Íris Kantor